

Oposição reúne-se para afinar discurso

Propostas de reavaliação da venda de estatais provoca divergências entre PT de Lula e PDT de Brizola

Sandra Nascimento e Ana Florence
de São Paulo

A Frente Nacional de Oposição reúne-se hoje para discutir os rumos da campanha presidencial e afinar os discursos em torno de assuntos polêmicos como a venda da Telebrás e a reestatização da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

Setores dentro do PT estão preocupados com o tom das recentes declarações do candidato a vice na chapa encabeçada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT).

“Há duas concepções de possibilidades de programa de governo competindo dentro da nossa aliança. Há um discurso de continuidade democrática dada pelo Lula, com mudanças de rumos e ritmos em algumas áreas, e o discurso da ruptura. Isso pode confundir o eleitor”, disse o deputado federal, Paulo Delgado (MG), refletindo o pensamento de parte da ala moderada do PT.

“Na segunda-feira (hoje) o Lula irá colocar a posição da Frente para que fique claro de uma vez por todas que não há divergências dentro da aliança”, rebateu o presidente nacional do PT, José Dirceu. Segundo ele, já há

uma posição tomada pelos líderes da coligação que, na falta de um consenso, a última palavra será do candidato do PT à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

“Quem propôs que a decisão final seria sempre do Lula foi o Brizola”, disse Dirceu, na tentativa de afastar os rumores de que o PT estaria insatisfeito com a declarações do candidato a vice-presidente na aliança, Leonel Brizola, do PDT, favoráveis a anular as vendas da Vale do Rio Doce e da Telebrás.

“Isso tudo está acontecendo para tirar a atenção do problema maior que é a venda da Telebrás, o que não podemos permitir. Quanto à Vale, está na diretriz do partido que vamos tentar retomar a companhia, por meios legais. O Brizola nunca disse que faria alguma coisa que não fosse legal. Ele foi governador do Rio por duas vezes e nunca fez nada ilegal, muito pelo contrário”, acrescentou o presidente do PT.

Embora concordem na essência, o problema estaria na forma. Brizola fez declarações contrárias à entrada de investimentos estrangeiros no País (referindo-se principalmente à



José Dirceu

venda da Telebrás) e defende que a Vale do Rio Doce volte para o Estado mesmo que não tenha havido irregularidades na transação, indenizando os compradores.

Lula, por sua vez, tem demonstrado apoiar o capital estrangeiro — desde que produtivo — e declarou a um jornal paulista e a uma rádio do interior do estado que “fazer auditoria não significa que a gente vá recomprar a Vale, até mesmo porque não sabemos se temos dinheiro para isso”.

Outra questão que tem preocupa-

do alguns petistas moderados é a falta de disposição demonstrada pelo líder pedetista em considerar os demais Poderes do Estado. “A restatização no Brasil de empresas já privatizadas exige uma ampla discussão com o Congresso Nacional, com repercussões no Judiciário”, disse Delgado.

“Não haverá ruptura alguma, mas como a venda das estatais foi uma ato do Executivo, pode ser feito por ele. A nossa decisão não é fazer uma auditoria apenas contábil na venda das estatais. Será uma análise de sua conveniência e oportunidade do ato praticado, bem como o interesse nacional. Isso tudo já está previsto no Direito Brasileiro, disse o ex-deputado federal Vivaldo Barbosa, do PDT.

Problemas regionais

Além das questões nacionais, a aliança das esquerdas que une PT, PDT, PSB, PCdoB enfrenta problemas em São Paulo. A decisão do PSB de apoiar o candidato ao governo do PDT, Francisco Rossi, e lançar candidato próprio ao Senado, irritou a direção do PT.

“O Brizola e o Rossi tinham se

comprometido a apoiar o Suplicy. Agora não vão querer que nós nos esforcemos para conseguir a aliança no Amapá e no Rio”, disse Dirceu, referindo-se ao candidato do PT ao Senado, Eduardo Suplicy. O PSB deverá lançar Almino Afonso, com o apoio do PDT. No Rio, o PT, que já tem a vice na chapa encabeçada pelo pedetista Anthony Garotinho, deverá brigar para ter também a vaga para o Senado que, por um acordo informal, poderia ser do PSB.

O deputado Pedro Dallari (PSB), que defendia a aliança nacional de seu partido com o PPS de Ciro Gomes, disse estranhar as declarações do presidente do PT.

“É de estranhar a fala de Dirceu. Nós resolvemos abrir mão da candidatura própria, na qual eu era candidato, justamente em prol da campanha de Lula”, disse. “Na essência, a união do PSB com o PDT beneficia Lula”, afirmou.

No Amapá será difícil a reedição da aliança PSB, do atual governador João Capiberibe, e o PT estadual. O PT local está dividido entre apoiar a reeleição do governador, ou se unir com o PDT local.